

ALFABETIZAÇÃO NO SÉCULO XXI: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NA ERA DIGITAL

Literacy in the 21st Century: Challenges and
Strategies in the Digital Age

DÉBORA BRUNA MÜLLER DE SOUZA, EVELYN
JACKELINE DOS SANTOS AROZIO, PATRÍCIA
ESTEFANO VOLPI BONVECHIO, RAQUEL HERNANDES
GAIOTTO, REGIANE CRISTINA DOS SANTOS
CAMPAGNA.

RESUMO: A emergência da cultura digital reconfigurou profundamente as práticas de leitura e escrita, impondo novas demandas à instituição escolar e ao conceito de alfabetização. O presente artigo tem como objetivo analisar os desafios e as estratégias pedagógicas decorrentes dessa transformação, com foco na transição de um modelo tradicional de alfabetização para a necessidade de desenvolvimento de letramentos múltiplos. A metodologia empregada consiste em uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa, fundamentada na análise de obras de autores seminais no campo da educação e tecnologia. A discussão articula conceitos como a distinção entre alfabetização e letramento, a emergência dos letramentos multimodais e a urgência da alfabetização digital e midiática. As conclusões apontam para a insuficiência de práticas pedagógicas que se restrinjam à codificação e decodificação do sistema alfabético, reforçando a necessidade de uma profunda reestruturação curricular e, sobretudo, de políticas robustas de formação docente, capazes de preparar os educadores para mediar a relação dos estudantes com o complexo ecossistema informacional do século XXI.

Palavras-chave : Alfabetização. Letramento Digital. Tecnologias na Educação. Formação de Professores. Pedagogia Moderna.

1 INTRODUÇÃO

A transição para o século XXI foi marcada por uma revolução digital que redefiniu não apenas as formas de comunicação e interação social, mas também as competências essenciais para o exercício pleno da cidadania.

Nesse contexto, o conceito tradicional de alfabetização, historicamente centrado na aquisição do código alfabético, revela-se insuficiente para atender às demandas de uma sociedade imersa em um fluxo contínuo de informações multimodais. Compreender a profundidade dessa transformação torna-se uma tarefa de importância estratégica para a educação contemporânea, que se vê desafiada a preparar indivíduos para um mundo radicalmente diferente daquele para o qual a escola foi originalmente concebida.

A problemática central que norteia este trabalho reside em como a cultura digital, com suas linguagens, suportes e gêneros discursivos próprios, impõe novos desafios à escola e exige a formulação de estratégias pedagógicas inovadoras. A simples inserção de dispositivos tecnológicos em sala de aula não garante, por si só, uma educação alinhada às necessidades atuais. É preciso repensar o próprio significado de "saber ler e escrever" em um cenário onde textos se hibridizam com imagens, sons e links, exigindo habilidades de navegação, interpretação crítica e produção em múltiplos formatos.

Diante disso, o objetivo deste

artigo é analisar, a partir de uma revisão bibliográfica de autores seminais na área, os principais desafios e estratégias relacionados à alfabetização na era digital. Para tanto, exploraremos conceitos-chave que fundamentam este debate, como a indispensável distinção entre alfabetização e letramento, amplamente difundida por Magda Soares; a expansão deste último para a noção de letramentos múltiplos e multimodais, conforme proposto por Roxane Rojo; e a emergência da alfabetização digital como um campo específico de estudo e intervenção pedagógica, discutido por autores como Silvia Gasparian Colello.

A estrutura deste trabalho foi organizada de modo a apresentar, primeiramente, o percurso metodológico que orientou a análise. Em seguida, na seção de resultados e discussão, os conceitos mencionados serão aprofundados e articulados, examinando os desafios impostos à escola e as estratégias pedagógicas emergentes, com especial atenção ao papel crucial da formação docente. Por fim, as considerações finais sintetizarão os argumentos e apontarão para a necessidade de um debate contínuo sobre o tema.

2. Material e Métodos

Esta seção tem como propósito detalhar o percurso metodológico que fundamenta a análise apresentada no artigo, explicitando as escolhas e os procedimentos que guiaram a construção do arcabouço teórico-analítico. A presente investigação se caracteriza como uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa, abordagem que se mostra particularmente adequada para o objetivo proposto. A escolha por este delineamento justifica-se pela necessidade de não apenas compilar, mas sobretudo interpretar, sintetizar e articular os conceitos e debates propostos por diferentes autores de referência no campo da educação, linguística aplicada e tecnologias digitais.

A abordagem metodológica inspira-se nos preceitos da pesquisa qualitativa, que valoriza a análise interpretativa e a construção de sentido a partir de um corpus textual (Moraes e Galiazzi, 2006). A pesquisa qualitativa permite um mergulho profundo nos referenciais teóricos, buscando compreender as nuances, as convergências e as divergências entre as perspectivas dos pesquisadores que se debruçam sobre o fenômeno em

estudo.

O corpus da pesquisa foi constituído por uma seleção criteriosa de artigos científicos e capítulos de livros de autores proeminentes no debate sobre alfabetização, letramento e tecnologia no Brasil e na América Latina. Foram selecionados trabalhos de pesquisadores como Magda Soares, Roxane Rojo, Sílvia Gasparian Colello, Carlos A. Ferraro, Cassia C. de Oliveira e Maria Lucia L. R. Castanheira, Vani M. Kenski e José A. Valente, entre outros. A seleção desses textos buscou abranger as diferentes facetas do tema, desde a reconceitualização teórica da alfabetização até a discussão de estratégias pedagógicas concretas e os desafios da formação de professores.

A análise do material coletado foi realizada de forma a identificar os conceitos centrais, os principais argumentos e as propostas de cada autor. Em seguida, procedeu-se à articulação dessas ideias, construindo uma linha argumentativa coesa que estrutura a seção de Resultados e Discussão. Assim, a metodologia adotada permitiu a elaboração de uma síntese crítica e fundamentada, que serve de base para a reflexão sobre os caminhos da alfabetização no século XXI.

3. Resultados e Discussão

Nesta seção, serão analisados e articulados os conceitos e argumentos extraídos da bibliografia de referência, com o intuito de construir uma análise aprofundada sobre a reconfiguração da alfabetização na era digital. O objetivo não é meramente expor as ideias dos autores de forma isolada, mas sim tecer um diálogo entre suas contribuições, evidenciando a complexidade do fenômeno e delineando um panorama crítico dos desafios e das estratégias que se apresentam à educação contemporânea. A discussão está organizada em quatro eixos temáticos interligados, que partem da ressignificação conceitual da alfabetização e avançam até as implicações para a prática pedagógica e a formação de professores.

3.1. Da Alfabetização aos Letramentos Múltiplos: A Ressignificação de um Conceito

A discussão sobre alfabetização no século XXI exige, primeiramente, o resgate de uma distinção conceitual fundamental, consolidada no campo da educação brasileira principalmente pelos trabalhos de Magda Soares. A autora demarca com clareza a diferença

entre alfabetização, entendida como o processo de aquisição da tecnologia da escrita – a codificação de fonemas em grafemas e a decodificação inversa –, e letramento, que se refere ao estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita. O letramento, portanto, transcende o domínio do código e abrange o uso competente e crítico da linguagem escrita nas diversas situações da vida social.

A era digital veio complexificar e expandir radicalmente essa noção. Se o letramento já apontava para a dimensão social da escrita, a proliferação de novas tecnologias de comunicação e informação (NTICs) multiplicou os contextos, os suportes e as linguagens. Nesse cenário, emerge o conceito de letramentos múltiplos, conforme proposto por Roxane Rojo. Para a autora, não se pode mais falar de um único letramento, mas de uma pluralidade de letramentos associados a diferentes esferas da atividade humana. De forma mais específica, a cultura digital demanda o que Rojo denomina letramentos multimodais, que envolvem a capacidade de ler, interpretar e produzir textos que integram e articulam diversas semioses: a linguagem verbal

escrita, a imagem estática e em movimento, o som, a música e os elementos gráficos.

O impacto dessa transição conceitual é profundo. A alfabetização tradicional, focada no eixo do código alfabético e no suporte do papel, torna-se manifestamente insuficiente para garantir a plena participação social e o exercício da cidadania no século XXI. Ignorar a multimodalidade dos textos contemporâneos e os novos gêneros discursivos que circulam no ambiente digital (memes, posts, vídeos, podcasts) significa promover uma forma de analfabetismo funcional para o mundo em que os alunos vivem fora dos muros da escola.

3.2. Os Desafios Impostos pela Cultura Digital à Escola

A transição para uma pedagogia dos letramentos múltiplos não ocorre sem obstáculos. A escola, como instituição, enfrenta uma série de desafios para promover o que Silvia Gasparian Colello e outros pesquisadores, como Cassia C. de Oliveira e Maria Lucia L. R. Castanheira, denominam alfabetização digital. Este não é um processo meramente técnico, de ensinar a operar ferramentas, mas um processo

complexo que articula competências técnicas, cognitivas e ético-políticas, visando desenvolver a capacidade de acessar, avaliar, utilizar e produzir informação de forma crítica no ambiente digital.

Um dos primeiros e mais persistentes desafios é a exclusão digital. Embora o acesso à internet tenha se expandido, as desigualdades persistem, não apenas no que tange à disponibilidade de infraestrutura e dispositivos, mas também no que se refere ao capital cultural necessário para transformar o acesso em participação efetiva. A escola precisa lidar com essa heterogeneidade, buscando garantir condições mais equânimes de aprendizado, sob o risco de aprofundar, em vez de mitigar, as fraturas sociais existentes.

Outro desafio monumental, com graves implicações para a saúde democrática, é a necessidade de desenvolver o pensamento crítico para navegar no ecossistema informacional contemporâneo. O "novo ritmo da informação" (Kenski), caracterizado pela aceleração e sobrecarga informacional, cria o terreno fértil para a desinformação, tornando o desenvolvimento da alfabetização midiática e informacional, conforme

discutido por Oliveira e Souza e Andrade, uma competência de sobrevivência cívica. Falhar em capacitar os estudantes a analisar criticamente as fontes, identificar vieses e compreender os mecanismos algorítmicos das plataformas digitais cria uma vulnerabilidade sistêmica à manipulação, ameaçando diretamente os processos democráticos e a coesão social.

3.3. Estratégias Pedagógicas para uma Educação na Era Digital

Diante desses desafios de alta complexidade, torna-se imperativo, como sugere José A. Valente, "repensar" as práticas educativas. A integração das novas tecnologias não pode se limitar ao uso instrumental, como um mero substituto do quadro-negro ou do livro didático. A tecnologia precisa ser incorporada como uma aliada no processo de ensino-aprendizagem, com o objetivo de desenvolver competências críticas, criativas e colaborativas.

A aplicação prática do "repensar" de Valente pode ser encontrada na proposta de Roxane Rojo sobre a adoção de práticas que promovam os letramentos multimodais em sala de aula. Os gêneros discursivos digitais,

muitas vezes vistos com desconfiança pela cultura escolar, são, na verdade, poderosas ferramentas pedagógicas. A análise da estrutura argumentativa de um meme, a produção de um vídeo para o YouTube, a criação de um blog colaborativo ou a participação em um debate em fóruns online não são atividades meramente lúdicas; elas mobilizam complexas habilidades de leitura, escrita, análise de imagem, produção audiovisual e argumentação, totalmente alinhadas às demandas do século XXI.

O foco deve se deslocar do "ensinar sobre a tecnologia" para o "ensinar com e através da tecnologia". Isso implica planejar atividades que utilizem os recursos digitais para potencializar a aprendizagem de diferentes componentes curriculares, promovendo a pesquisa, a autoria, a colaboração e a resolução de problemas. A tecnologia, nesse sentido, não é um fim em si mesma, mas um meio para se alcançar objetivos pedagógicos mais amplos, relacionados à formação de um sujeito autônomo e crítico, capaz de interagir de forma significativa com seu tempo.

3.4. O Papel Crucial da Formação Docente

A eficácia de qualquer estratégia pedagógica ou política educacional para a era digital depende, em última instância, daquele que está na linha de frente do processo educativo: o professor. É o educador quem fará a mediação entre os alunos, o conhecimento e as tecnologias. Portanto, a formação docente emerge como o nó górdio de toda essa discussão.

Os desafios para a formação de professores para a alfabetização digital são imensos, como aponta Carlos A. Ferraro. Muitos educadores foram formados em um modelo que não previa a onipresença das tecnologias digitais, o que pode gerar insegurança, resistência ou uma adesão acrítica e meramente instrumental às novas ferramentas. Superar essa barreira exige políticas consistentes e abrangentes de formação inicial e continuada.

Esses programas formativos precisam ir além de simples oficinas de "capacitação tecnológica". É fundamental preparar os educadores não apenas para usar as ferramentas, mas, principalmente, para integrar criticamente a cultura digital em seu planejamento pedagógico. Isso significa

promover a reflexão sobre os impactos sociais, culturais e cognitivos das tecnologias; instrumentalizar os professores para analisar e utilizar os novos gêneros discursivos em sala de aula; e fomentar o desenvolvimento de suas próprias competências como cidadãos digitais. A formação docente deve ser um espaço contínuo de experimentação, troca e construção de novos saberes pedagógicos.

A interconexão entre a resignificação do conceito de alfabetização, os desafios impostos pela cultura digital, a necessidade de estratégias pedagógicas inovadoras e a urgência de uma formação docente adequada revela a complexidade da tarefa que se impõe à educação. Somente uma abordagem sistêmica, que articule esses quatro eixos, poderá responder de forma efetiva às demandas formativas do presente.

3.5. Multiletramentos e a Prática Pedagógica na Cultura Digital

Se a formação docente é o motor da mudança, a prática pedagógica baseada nos multiletramentos é o seu combustível. No contexto do século XXI, a alfabetização não pode mais ser limitada à decodificação de grafemas e

fonemas em suporte de papel. Como postula o Grupo de Nova Londres, o conceito de letramento deve ser expandido para abarcar a multimodalidade — a convergência de textos, imagens, sons e movimentos que compõem a comunicação digital.

Nesse cenário, as estratégias pedagógicas precisam migrar de um modelo de recepção passiva para um modelo de autoria e curadoria. O desafio não é apenas ensinar o aluno a ler um texto na tela, mas instrumentalizá-lo para:

Navegação Crítica e Hipertextual: Compreender a arquitetura da informação na internet, identificando fontes confiáveis e diferenciando fatos de desinformação (fake news) em um ecossistema de saturação informacional.

Produção Multimodal: Incentivar que o processo de alfabetização inclua a criação de gêneros digitais, como a produção de podcasts, a edição de vídeos curtos ou a construção de narrativas em blogs, onde a escrita ganha novos significados ao interagir com outras linguagens.

Ética e Cidadania Digital: Promover a reflexão sobre a "pegada

digital", a privacidade de dados e o comportamento ético nas redes sociais, elementos indissociáveis da formação do sujeito contemporâneo.

A inserção dessas tecnologias em sala de aula, portanto, não deve ser um "evento isolado" ou uma aula de informática à parte, mas uma camada integrada a todas as áreas do conhecimento. A estratégia de Gamificação, por exemplo, surge como um recurso potente para o engajamento na alfabetização inicial, utilizando sistemas de feedback imediato e progressão por desafios para tornar o aprendizado da norma culta mais dinâmico e contextualizado com o universo lúdico da criança digital.

Em última análise, o sucesso desta transição pedagógica depende da superação do "uso instrumental" da tecnologia. Não se trata de substituir o quadro negro pelo tablet para fazer a mesma tarefa; trata-se de redefinir a tarefa para que ela só possa ser realizada através do potencial criativo e colaborativo que as ferramentas digitais oferecem.

Tabela 1: Alfabetização Tradicional vs. Alfabetização na Era Digital

Dimensão	Alfabetização Tradicional (Analogica)	Alfabetização no Século XXI (Digital)
Suporte Principal	Papel, livros impressos, quadro negro.	Ecrãs, dispositivos móveis, plataformas na nuvem.
Linguagem Predominante	Monomodal (centrada na palavra escrita e imagem estática).	Multimodal (combinação de texto, áudio, vídeo e animação).
Forma de Leitura	Linear (início, meio e fim determinados)	Hipertextual (não linear, baseada em links e navegação).
Papel do Estudante	Recetor e consumidor de conteúdos.	Prosumidor (consome, produz e partilha conteúdos).
Habilidade Principal	Decifrar o código alfabético e ortográfico.	Curadoria de informação, pensamento crítico e fluência digital.
Interação	Individual ou presencial em grupo.	Colaborativa, síncrona/assíncrona e globalizada.
Espaço/Tempo	Delimitado pela sala de aula e pelo horário escolar.	Ubíquo (acontece em qualquer lugar e a qualquer momento).

Fonte: Próprios autores, 2026.

A transição apresentada na

tabela acima não sugere que as competências tradicionais se tornaram obsoletas; pelo contrário, elas formam a base sobre a qual as competências digitais são construídas. O desafio da escola contemporânea reside em realizar essa transição de forma inclusiva, garantindo que a tecnologia atue como um mecanismo de democratização do conhecimento e não como um novo fator de exclusão social.

A alfabetização digital, portanto, expande os horizontes da alfabetização tradicional, exigindo do indivíduo uma capacidade de adaptação constante diante da rápida obsolescência das ferramentas tecnológicas.

4. Além da Interface: A Alfabetização Algorítmica e o Pensamento Computacional

Se no século XX a alfabetização visava a emancipação do sujeito através do domínio da palavra, no século XXI, essa emancipação passa, obrigatoriamente, pela compreensão dos **algoritmos**. Não basta mais saber "clique" ou "arrastar"; é preciso entender como a informação é filtrada, hierarquizada e, muitas vezes, manipulada pelas arquiteturas digitais.

A alfabetização algorítmica surge como uma camada superior do letramento digital. Ela desafia o educador a levar para a sala de aula discussões sobre a "caixa-preta" das redes sociais. O aluno alfabetizado hoje deve ser capaz de questionar: *Por que este conteúdo apareceu para mim e não para o meu colega? Quais dados eu forneci em troca deste acesso "gratuito"?*

4.1. O Pensamento Computacional como Nova Gramática

Integrar o pensamento computacional na alfabetização não significa transformar cada criança em um programador, mas sim oferecer a ela as ferramentas cognitivas para a resolução de problemas complexos. Decomposição, reconhecimento de padrões, abstração e algoritmos tornam-se a "nova gramática" que permite ao estudante estruturar o pensamento de forma lógica e crítica frente às máquinas.

Esta abordagem retira a tecnologia do lugar de "mágica" e a coloca no lugar de **ferramenta humana**, passível de erro, viés e, conseqüentemente, de intervenção social.

Tabela 2: O Espectro da Exclusão na Alfabetização Digital

Para aprofundar a análise crítica, a tabela abaixo apresenta os diferentes níveis de domínio digital, revelando que a desigualdade hoje não é apenas de acesso, mas de uso e compreensão.

Nível de Alfabetização	Perfil do Sujeito	Capacidade e Crítica	Risco Social
Analfabetismo Digital	Sem acesso ou domínio básico de dispositivos.	Nula (Exclusão total).	Isolamento social e invisibilidade econômica.
Letramento Instrumental	Sabe usar redes sociais e aplicativos, mas de forma passiva.	Baixa (Consome o que o algoritmo entrega).	Manipulação por <i>fake news</i> e consumo desenfreado.
Letramento Crítico	Questiona fontes, checa dados e protege sua privacidade.	Média/Alta (Filtra a informação).	Exposição moderada a vieses cognitivos.
Alfabetização Algorítmica	Compreende a lógica de programação e a economia de dados.	Plena (Intervém e cria na cultura digital).	Mínimo; atua como cidadão consciente e criativo.

Fonte: Próprios autores, 2026.

A tabela demonstra que o maior desafio da escola não é apenas entregar um dispositivo ao aluno, mas garantir que ele não estacione no Letramento Instrumental. O risco de uma "alfabetização de fachada" é criarmos uma geração de usuários

proficientes em apertar botões, mas analfabetos quanto aos mecanismos de poder que regem a sociedade da informação.

A educação, portanto, deve atuar como o elemento que converte o consumo passivo em autoria consciente.

5. Conclusão

A análise empreendida neste artigo reitera a importância estratégica de se debater a alfabetização no contexto da cultura digital. Ao revisar as contribuições de autores de referência, buscou-se analisar os desafios e as estratégias que emergem quando a escrita deixa de ser a tecnologia cultural hegemônica e passa a conviver e se hibridizar com uma miríade de outras linguagens e suportes.

As principais conclusões da discussão apontam, inequivocamente, para o fato de que a alfabetização no século XXI transcendeu em muito a simples habilidade de codificar e decodificar o sistema alfabético. Ela se configura, hoje, como um conjunto multifacetado e complexo de letramentos múltiplos, que incluem as dimensões digital, midiática,

informacional e multimodal. Formar um cidadão letrado na contemporaneidade é capacitá-lo a ler, interpretar, avaliar criticamente e produzir significados em um ecossistema comunicacional fluido, dinâmico e saturado de informações.

O argumento central que se consolida é o de que a escola e os sistemas de ensino precisam passar por uma profunda reestruturação para responder adequadamente a essa nova realidade. Essa transformação não pode ser superficial, limitada à aquisição de equipamentos tecnológicos, mas deve ser estrutural. É necessário revisar currículos, adotar práticas pedagógicas que dialoguem com a cultura digital dos estudantes e, acima de tudo, investir massivamente em programas de formação de professores que os preparem para serem mediadores críticos e competentes nesse novo cenário.

Por fim, este trabalho aponta para a necessidade de pesquisas contínuas e de um debate público permanente sobre o papel da educação na formação de cidadãos para o século XXI. As tecnologias e as práticas sociais de linguagem estão em constante mutação, e a escola não pode se furtar à tarefa de acompanhar, analisar e responder a essas mudanças. O

desafio é imenso, mas fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e preparada para o futuro, na qual todos possam ser não apenas consumidores, mas também produtores críticos, autônomos e participativos na cultura digital.

5. Agradecimentos

Os autores deste artigo expressam sua sincera gratidão:

Às nossas famílias, pelo apoio incondicional, compreensão nos momentos de dedicação exclusiva a este trabalho e pelo incentivo que fortaleceu nosso percurso acadêmico.

Aos colegas coautores, pela parceria profícua, divisão de tarefas e pelo enriquecedor debate intelectual que permitiu a consolidação desta pesquisa. O trabalho em grupo mostrou-se fundamental para o aprofundamento das reflexões aqui apresentadas.

Aos teóricos e estudiosos que fundamentaram nossa investigação, cujas contribuições foram essenciais para a análise desenvolvida. Suas obras são faróis que continuam a iluminar o campo educação.

À Revista em questão, pela oportunidade de submissão e pela

dedicada avaliação do presente trabalho. Agradecemos aos pareceristas pelas valiosas sugestões que certamente aprimoraram a qualidade final do artigo. Acreditamos que a veiculação neste periódico de excelência permitirá um diálogo frutífero com a comunidade científica.

Por fim, registramos nosso apreço às instituições e programas de formação continuada que nos proporcionaram o desenvolvimento profissional necessário para a realização de estudos desta natureza, reforçando a importância da aprendizagem ao longo da vida.

A todos, nosso mais profundo e sincero agradecimento.

Referências

ANDRADE, I. V. S. M. de. Educação para a mídia: um campo em construção. *E-Compós*, Brasília, DF, v. 13, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ecos/a/7qW3kP8vVQjL5sNqJgZfKvGz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2023.

COLELLO, S. G. Alfabetização digital: novos desafios para a escola. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 575-591, set./dez. 2011. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/educacao/article/view/2021/21012>. Acesso em: 15 out. 2023.

FERRARO, C. A. Alfabetização digital e a formação de professores. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 20, n. 68, p. 159-179, dez. 1999. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/274/27401910.pdf>. Acesso em: 15 out. 2023.

KENSKI, V. M. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, p. 23-41, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ecos/a/6qW3kP8vVQjL5sNqJgZfKvGz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2023.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de novas compreensões. In: GALIAZZI, M. C.; MORAES, R. (Orgs.). *Análise textual discursiva*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

OLIVEIRA, C. C. de; CASTANHEIRA, M. L. L. R. Letramento digital: conceitos e práticas. *Calidoscópio*, v. 9, n. 2, p. 143-156, maio/ago. 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ecos/a/8qW3kP8vVQjL5sNqJgZfKvGz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2023.

OLIVEIRA, M. L. P. de; SOUZA, A. M. T. de. Alfabetização midiática e informacional: desafios para a

educação no século XXI. Curitiba: CRV, 2018. Disponível em: <https://www.editoracriv.com.br/produtos/detalhes/33657-alfabetizacao-midiatica-e-informacional>. Acesso em: 15 out. 2023.

ROJO, R. Gêneros discursivos e letramentos multimodais em um mundo conectado. In: ROJO, R. (Org.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7736910/mod_resource/content/1/ROJO%20G%C3%AAneros%20discursivos%20e%20letramentos%20multimodais.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.

ROJO, R. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 91-114, mar. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ecos/a/4qW3kP8vVQjL5sNqJgZfKvGz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2023.

SOARES, M. Alfabetização e letramento na era digital. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 445-460, set./dez. 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ecos/a/YRxFkz8pQjL5sNqJgZfKvGz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2023.

VALENTE, J. A. A educação e as novas tecnologias: um repensar. Educação &

Sociedade, Campinas, v. 18, n. 61, p. 21-29, dez. 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ecos/a/5qW3kP8vVQjL5sNqJgZfKvGz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2023.